

APÊNDICE 8

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

1. Organologia: *koto*, *ch'in*, escolas e repertório

Adriaansz, Willem

1973 *The Kumiuta and Danmono Traditions of Japanese Koto Music*. Berkeley; Los Angeles; London: University of California. 493 pp.

Investigação musicológica dos repertórios *kumiuta* e *danmono*, principalmente da Escola Ikuta. Na I parte consta uma introdução que descreve as origens do repertório, o instrumento, escalas e afinações, notação e técnicas de execução. Na II parte há um exame do movimento melódico e rítmico das primeiras e últimas secções das oito peças puramente instrumental do repertório *danmono*: *Midare, Rokudan, Shichidan, Kudan, Hachidan, Godan, Kumoi Kudan e Akikaze no Kyoku*. A III parte é dedicada ao repertório *kumiuta*: análise das oito frases do primeiro *kumiuta Fuki*; derivações do *Fuki* no repertório *kumiuta* (21 peças afinadas em *hirajôshi*); *kumiuta* em outras afinações; e a relação entre a parte vocal e a do *koto* no *kumiuta*. A IV parte compreende 14 transcrições do repertório comentado no corpo principal.

1983 “Japan”. Sv. ‘Instruments, *koto*’. In *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. 20 vols. London: Macmillan. Vol. 9. Pp. 526-32.

A introdução discorre sobre os similares do *koto* [na China, Coréia e Vietnã] e as nomenclaturas usadas desde o período Nara no Japão. Após classificar o *koto* em 4 tipos – *gakusô*, *tsukushisô*, *zokusô* e *shinsô* – o autor fornece detalhes da constituição, formas de tocar e afinação. O núcleo do verbete aborda o histórico, o contexto social e o repertório principal das Escolas de *koto*, ou *sôkyoku*: *Tsukushi-goto*, *Yatsunashi-ryû*, Okinawa, *Ikuta-ryû* e *Yamada-ryû*.

1984 “Koto”. In *The New Grove Dictionary of Musical Instruments*. 3 vols. London: Macmillan; Grove’s Dictionary of Music. Vol. 2, pp. 465-71.

Conteúdo anterior revisto com algumas ilustrações diferentes.

Kamien, Roger

1976 “Koto music of Japan.” In *Music, an appreciation*. New York: Mc Graw-Hill. Pp. 533-9.

O autor se propõe a discutir o instrumento e suas implicações culturais no contexto da música asiática. Primeiramente descreve o instrumento, a mudança de materiais, o modo de tocar e as possibilidades timbrísticas. Em seguida compara com o *ch'in* chinês e o *kayakeum* coreano, arrisca precisar a origem e descreve os usos e os primeiros compositores. O texto fornece a diacronia das afinações *oshiki-cho*, *hirajôshi* e *kumoijôshi*. Esclarece que: música e religião seguem os moldes chineses até o período Edo; *Tsukushi-goto*, Kenjun Morota, 1547-1636, atendia à nobreza religiosa e aristocrática; *Yatsunashi-ryû* [1614-85] atendia aos plebeus predominando o nacionalismo do período Edo (*koto* como instrumento preferido dos músicos cegos); *Ikuta-ryû* [1655-1755] desenvolveu o *jiuta* e a forma *tegotomono*; Yamada-Kengyô [1757-1817] introduziu a afinação *kumoi*, o estilo vocal *yoruri* e inovou os plectros e a forma de sentar. Finaliza explicando genericamente o *danmono* através de *Rokudan*.

Kishibe, Shigeo

1969 *The traditional music of Japan*. Tôkyô: Japan Foundation.

Em “Outline of Eight Major Genres” o autor aborda as inovações ou acréscimos de cada escola de *koto*, desde Yatsunashi até Miyagi. Estrutura do instrumento, acessórios, timbre e desenvolvimento do trio *sankyoku*; Estrutura do *kumiuta*, *danmono*, ou *shirabe*, e *tegotomono*. O texto finaliza qualificando o *koto* como lírico e o *shamisen* como dramático.

Lui, Tsun-yue

1982 “A short guide to ch’in.” *Selected reports in ethnomusicology*. 16/1: 179-203.

História, construção, afinação, modo de tocar – 107 ideogramas para variações de timbre, ritmo e dinâmica – e notação original do exemplo musical de 1722, de Hsü ch’i.

Miyagi Michio Memorial Hall Foundation

1993 *Michio Miyagi no sekai* [O universo de Michio Miyagi]. Tôkyô: Miyagi Michio Memorial Hall Foundation. 127 pp.

Depoimentos e entrevistas sobre a vida, obra e morte do compositor Michio Miyagi.

Mingyue, Liang

1985 “Performance practice as a recreative process in Chinese zheng zither music.” *The world of music*. 27/1: 48-67.

O artigo examina a importância do músico enquanto transmissor e recriador da tradição musical. Há transcrições de variações na execução conforme o performer e categorias de elaboração ou ornamentação.

Tsuge, Gen’ichi

1983 *Anthology of sôkyoku and jiuta song texts*. Tôkyô: Academia music.

Traduções dos textos de 90 canções tradicionais entre os sécs. XVII e XIX, correspondente à ¼ do repertório da Escola Yamada. Estão selecionadas de acordo com estilos em quatro partes: 32 canções ciclo ou *kumiuta*; 23 peças *tegotomono*, cuja maioria é do repertório de peças *jiuta-sôkyoku* do estilo Kyoto; 18 peças de *sôkyoku* do estilo Yamada; e 17 peças modernas, uma miscelânea *sôkyoku* após 1850 que foram originalmente concebidas para voz e *koto*.

1986a “Explicit and implicit aspects of koto kumiuta notations.” In *The oral and the literate in music*. Edição de Yoshihiko Tokumaru e Osamu Yamaguchi. Tôkyô: Academia music. Pp.: 252-72.

Características dos sistemas de notação dos ciclos de canções *kumiuta*. Exame da informação anotada em contraste com os elementos implícitos que dependem de cada performer.

1986b *Japanese music: an annotated bibliography*. New York; London: Garland.

Wade, Bonnie C.

1994 “Keiko Nosaka and the 20-stringed koto: tradition and modernization in Japanese music.” In *Themes and variation: writings on music in honor of Rulan Chao Pian*.

Edição de Bell Yung e Joseph Lam. Hong Kong: Chinese University; Harvard University. Pp. 231-259.

Wade aponta quatro tipos de mudanças que ocorreram com o surgimento do *koto* de 20 cordas. Apesar do instrumento ser um produto da modernização, algumas inovações foram rejeitadas em favor de soluções tradicionais. Novos recursos composicionais – extensão, afinação, conteúdo melódico e dinâmico – são ilustrados através da peça “*Tennyô*”, de Minoru Miki. Maneiras de tocar sofrem algumas alterações no caso específico da composição de Miki e da intérprete Keiko Nosaka. Com o *koto* de 20 cordas, o instrumento, executado tradicionalmente em conjunto, passa a ser solístico.

Walker, J. L. e Sun Yu-ch’in

1998 “No need to listen!: a conversation between Sun Yu-Ch'in and J. L. Walker.”

Parabola. Toronto: University of Toronto.

Diálogo entre os autores sobre o *ch'in*, sua música, filosofia e simbolismo. Eles revelam os princípios taoístas de céu, terra e humanidade, dragão e fênix, yin e yang contidos no *ch'in*. Sun salienta a importância de se estudar diretamente com o mestre responsável por transmitir também um estado da mente, de meditação, em que “a distinção entre sujeito e objeto desaparecem.” Ele divide os executantes em três grupos: confucionistas, budistas e modernos.

2. Música japonesa e chinesa

Hosokawa, Shûhei

1995 “Características gerais de música japonesa.” *Cultura japonesa: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba*. Edição de Célia Oi. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão. Pp. 214-18.

Embora o artigo não seja especializado, traz relevantes aspectos sociais e históricos da música. Começando com o *gagaku* e *bugaku*, mostra a absorção da música dos ‘países estrangeiros’ até o séc. IX, quando passa para a fase nacionalista na era de isolamento. Com os samurais no poder, a partir do séc. XII, o *biwa* e *nogaku* são introduzidos. O *shamisen* ganha reconhecimento na era Tokugawa através do *nagauta*, que disseminou outros gêneros vocais. Hosokawa explica o termo *iemoto* e o discute enquanto sistema fechado de transmissão musical, relacionando-o com o fato da sobrevivência inalterada, sobretudo, do *nogaku* e do repertório *shamisen*. O autor sublinha que, embora a era moderna apresente um estilo ocidental, a coexistência de eras, estilos e gêneros diferentes, separadamente, “essa ‘compartmentalização’ é que pode ser denominada de ‘tradição’”.

Kishibe, Shigeo et al.

1983 “Japan”. In *The new Grove dictionary of music and musicians*. 20 vols. London: Macmillan. Vol. 9, pp. 504-52.

Verbete fundamental para se conhecer os principais estudiosos e tópicos da música japonesa: ‘música religiosa’ budista e cristã; gênero da corte, *gagaku*, e gêneros teatrais *noh*, *bunraku*, e *kabuki*; ‘música instrumental’ para *biwa*, *koto*, *shakuhachi* e *shamisen*; ‘sistemas de notação’, música vocal e instrumental; ‘música folk’ *warabeuta*, *minyô* e *minzoku-geinô*, okinawana e *ainu*; e ‘Música desde a era Meiji’ até a II guerra, música popular e tradicional no séc. XX.

Komiyama, Wataru

1978 “A general survey of Japanese vocal music.” In *Musical voices of Asia: report of Asian traditional performing arts*. Tôkyô: Japan Foundation. Pp. 39-44.

Antes de focar as “Características fundamentais da Música Vocal” – forma, melodia, ritmo e timbre – o texto elucida a diferença entre *utaimono*, como similar à ‘aria’ e *katarimono* ao ‘recitativo.’ Esclarece a estrutura tonal emprestando os termos ‘tom central’ e ‘tons nucleares’ de Koizumi Fumio, para explicar brevemente os gêneros destacáveis de música vocal: *bando-bushi*, ‘Esashi oiwake’, *gidayû*, *Hôhai-bushi*, *jiuta*, *kiyômoto*, *shimauta* de Amami, *shinnai*, *shômyo*, *sôkyoku*, *minyô* de Yaeyama e *yôkyoku*. Sobre o repertório *sôkyoku*, comenta que representa o estilo da tradição *utaimono*, devido ao canto melismático, com exceção de algumas peças da Yamada-ryû com elementos recitativos.

1978b “Multiplicity of vocalization styles in Japanese music.” In *Musical voices of Asia: report of Asian traditional performing arts*. Tôkyô: Japan Foundation.

Senso musical estético japonês em relação à música vocal, a preferência por tons agudos, e aspectos da singularidade. O autor sugere um mapa de classificação da música tradicional: instrumental (*gagaku*, *sôkyoku* e *shakuhachi*) e vocal lírico (*saibara*, *imayô* e *shômyô*) e narrativo (*kôshiki*, *heikyoku*, *yôkyoku*, acompanhada de *shamisen* e *biwa*).

Malm, William P.

1983 *Culturas musicales del Pacífico, el Cercano Oriente y Asia*. Tradução de Miren Rahm da 2ª ed. Prentice-Hall de 1977. Madrid: Alianza, 1985.

Combina os enfoques antropológicos, históricos, organológico e musical, dividido por áreas geográficas. Contém referências básicas nas suas notas discográficas e bibliográficas, ao final de cada capítulo.

1978 *Japanese music and musical instruments*. 8ª ed. Tôkyô: Charles E. Tuttle.

Visão geral com enfoque histórico e contextual, abordando a música religiosa, gêneros teatrais e da corte, música de tradição rural e, sobretudo, os instrumentos tradicionais japoneses. Faltou maior aprofundamento em gêneros como *Matsuri-Bayashi*, *Bunraku*, *Warabeuta*, repertório *Kunkunshi* de Okinawa e música *ainu*, bem como nos aspectos antropológicos e estéticos. Publicação fartamente ilustrada, com 131 fotos e desenhos. Bibliografia comentada, mapa histórico, sistemas de notações e recomendações sobre gravações e locais especiais em Tôkyô compõem um apêndice bastante proveitoso.

Trân Van Khê

1985 “Chinese music and musical traditions of Eastern Music.” *The world of music*. 27/1: 78-89.

Estudo comparativo mostrando as semelhanças culturais entre China, Coréia, Japão e Mongólia através: dos instrumentos musicais, das linguagens musicais (escalas, modos e ritmo), das questões teóricas (notações e nomenclaturas), de alguns gêneros musicais (budista e da corte) e da história da música.

3. Música dos imigrantes japoneses no Brasil

Hosokawa, Shûhei

1993b “O feitiço do karaokê.” *D. O. Leitura* [IMESP – Imprensa oficial do estado de SP]. 11/133: 2-3.

1995 “A história do karaokê no Brasil”. In *Cultura japonesa: S. Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba*. São Paulo: ACBJ. Pp. 232-35.

O artigo inicia com os antecedentes do *karaoke* no Brasil, tais como a tradição dos *engeitaikai* e o concurso *nodo-jiman*. Após o histórico do *karaoke*, o autor frisa a diferença entre o comportamento brasileiro e *nikkei*. Neste, “há algumas regras ‘cerimoniais’, é mais comedido e não é considerada uma brincadeira.” O autor atribui ao *karaoke* o papel de proteção cultural e incentivo psicológico.

1993^a “História da música entre os nikkei no Brasil: enfocando as melodias japonesas.” *Anais do IV Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa*. São Paulo: Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo. Pp. 125-49.

Trata-se de uma reconstrução histórica dividida em três fases. Na primeira, a tradição das paródias ‘*kaeuta*’ e do Show de Variedades ‘*Engeitaikai*’ ou ‘*Enkai*’ que se mantiveram desde o Kasato Maru até a II Guerra. Na segunda fase, predominam os Concursos de Calouros chamados ‘*Nodo Jiman Taikai*’. E, desde 1980, a fase do *karaoke* domina a cena musical dos *nikkei* no Brasil.

Miyashita, Hôzan

1973 “Koten ni yucashî onshoku [A melodia elegante da música clássica japonesa]”.

Colonia geinoshi [Artes musicais da colônia]. São Paulo: Comissão da Colônia. P. 140.

Relato de um dos professores pioneiros de *shakuhachi* em São Paulo, testemunhando as primeiras formações de *sankyoku* (*koto*, *shakuhachi* e *shamisen*) no Brasil.

Oi, Célia Abe

1995 “Música”. In *Cultura japonesa: São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba*. São Paulo:

Aliança Cultural Brasil-Japão. Pp. 213-44.

O Guia fornece endereços das principais escolas de música tradicional – *koto*, *shakuhachi*, *shamisen* e *taiko* – associações de música folclórica vernacular; músicos populares, música erudita, associações de *karaoke* e uma listagem de músicos profissionais japoneses que se apresentaram no Brasil.

Olsen, Dale

1983b “The social determinants in the musical life in Peru and Brazil.” *Selected reports in ethnomusicology* 27/1: 49-70.

O trabalho é dividido em cinco partes: Introdução; Histórico da Imigração; Variáveis Sociais e Vida Musical [núcleo da pesquisa]; Identidade Cultural e Assimilação; e Conclusão. Pela amplitude da proposta o trabalho se torna genérico, mas garante a consistência pelas fontes seguras. A pesquisa atinge o objetivo de usar a música como medida de identidade e assimilação cultural dos imigrantes japoneses no Peru e no Brasil, com maior ênfase no último.

1983a “Japanese music in Brazil.” *Asian music* 14/1: 111-31.

Estudo pioneiro sobre a música dos imigrantes japoneses em São Paulo. Mapeamento geral com os principais professores, performers e associações de música *folk* e clássica de Okinawa e de *Naichi*.

Satomi, Alice Lumi

1998 “‘As gotas de chuva do telhado...’ Música de Ryûkyû em São Paulo.” Dissertação de mestrado em música. Salvador: Universidade Federal da Bahia.

Dissertação dividida em três partes. A primeira aborda o contexto idiossincrático da cultura okinawana desde os dados geográficos, étnico-linguísticos, históricos, religiosos e musicais. A segunda parte contém as duas fases da história da imigração japonesa no Brasil, particularizando a presença musical dos okinawanos desde o Kasato Maru até as formações dos principais núcleos onde surgiram as agremiações musicais. A terceira parte descreve as escolas de *koten*, *minyô* e *taiko*, o repertório e as recriações musicais na atualidade. Na conclusão, o comportamento musical das diferentes gerações e o papel da música vernacular *uta-sanshin* para a comunidade em São Paulo.

2001 “Okinawan’s music and cohesion in São Paulo.” *Abstracts: 36th World*

Conference. Rio de Janeiro: comitê nacional do ICTM. P. 94.

Reflexões sobre a coesão da comunidade okinawana, partindo de casos esmerados de cooperação mútua na estrutura familiar. A dedicação entre pais e filhos é advinda de princípios da religião, que cultuam os antepassados, e sedimentada por canções. Através de exemplos musicais, comprova-se esse poder enculturativo. Na terra natal, encontram-se soluções de modernidade e na terra adotiva recriações adaptadas ao novo ambiente para garantir a construção da identidade e coesão das novas gerações.

Tsuzuki, Elza Hatsumi

2001 “The course of the noh theatre in Brazil.” *Abstracts: 36th world conference*. Rio de Janeiro: comitê nacional do ICTM. P. 112.

Após situar historicamente a comunidade japonesa em São Paulo, Hatsumi registra a presença do grupo Hakuyokai desde 1939, responsável pelo estabelecimento do teatro *Nô* no Brasil, das escolas Hosho e Kanze. O falecimento dos instrutores ameaça a continuidade, mas artistas não descendentes têm se interessado em aprender as técnicas do teatro *Nô*.

4. Música japonesa e migração

Asai, Susan

1995 “Transformations of tradition: three generations of Japanese American music making.” *The musical Quaterly*. 79/3: 429-53.

Estudo sobre a performance e criação dos nipo-americanos na Califórnia, explicando que a retenção de valores se deve à atitude inóspita dos californianos. Os *issei* procuraram manter as práticas do Japão sejam tradicionais, pop ou ocidentalizadas. Já os *nisei* cultivam um espectro mais amplo de música, refletindo sua identidade dual como, por exemplo, cantar *kayôkyoku* com arranjo jazzístico. Ao âmbito musical diverso dos *nisei* – de música tradicional japonesa, clássica européia, da Broadway, jazz, *soul* e *pop* – os *sansei* acrescentaram diversos estilos de *rock*, *funk* e fusões de cultura popular. Poucos se dedicam à música tradicional japonesa, apenas para ampliar as ferramentas para compor ou como prática acadêmica. Na época das canções de protestos e do movimento asiático americano, alguns grupos assumiram sua identidade étnica através da música, tentando um tipo de música híbrida nas novas composições com bases jazzísticas, na prática do *taiko* e nas fusões do ethno-techno-pop.

Combs, Jo Anne

1985 “Japanese-American music and dance in Los Angeles: 1930-42.” *Selected reports in ethnomusicology*. 6: 121-49.

O artigo examina o papel da música e danças dos *nikkei* americanos no sul da Califórnia entre 1930 e 1942. Este período equivale à emergência dos *nisei* e a adoção das teorias de ecologia [Steward] e mudança [Oswald] culturais. Música e dança “como formas de expressão pelo crescimento social, estético e espiritual tanto quanto para aliviar os tempos de stress.” Em 1930, a iniciativa de criar clubes de dança foi provocada pela discriminação dos caucasianos, período em que é sedimentado o comportamento musical dos *nikkei* americanos. Cita alguns músicos que se destacaram fora do círculo e os gêneros musicais predominantes no seu meio étnico sem especificar muito os tradicionais. Análise de pontos de vista, abordagem e pudores dos *nisei* que escreviam na sessão em inglês do periódico *Rafu Shimpo*. Evidência dos eventos econômicos, políticos e sociais afetando as posturas musicais. A conclusão sobre a década de 30 é de familiarização do *nisei* com a performance, cujas adaptações preparam o terreno para que a terceira geração possa amadurecer suas próprias necessidades.

Sutton, Anderson

1983 “Okinawan music overseas: a Hawaiian home.” *Ethnomusicology* 15/1: 54-80.

O texto descreve o passado da imigração okinawana no Havaí, entre 1855 e 1924, atribuindo à superioridade dos *naichijin* a situação de isolamento do grupo. Ressalta que a música tem o papel de sustento moral, para enfrentar as discriminações e diminuir as agruras do imigrante. Descreve também as associações musicais, o contraste do prestígio dos músicos de *koten* e *minyô* e que a única inovação encontrada foi apenas no texto. A conclusão examina a configuração única da cultura musical okinawana no Havaí, comparando com a terra natal, Brasil e Peru. Reforça que os fatores que contribuem para a vitalidade local são: a prática pelas novas gerações motivadas pela competitividade e necessidade do jovem aluno ser aprovado pela comunidade; ligação estreita e constante entre os músicos do Havaí e de Okinawa; disponibilidade de instrumentos, partituras e discos; e a existência de professores legitimados.

Waseda, Minako Takuji

1998 “Japanese American musical culture in Southern California: its formation and transformation in the 20th Century.” Dissertação de Mestrado. Santa Barbara: University of California.

Enfoque histórico e sócio-cultural da música nipo-americana no sul da Califórnia. Identifica padrões de acordo com as gerações. Waseda discute: as singularidades da música transplantada através das mudanças do sistema *iemoto*, na prática da música tradicional japonesa; a formação e transformação como resultado das reações quanto às mudanças de relações com a terra nativa e da adotiva; e o sentido da música ancestral como nostalgia, herança cultural e identidade étnica para os nipo-americanos.

5. Metodologia

Baumann, Max Peter

1989 “The musical performing group: musical norms, tradition, and identity.” *The world of music* 31/3: 80-113.

Programação de entrevista esclarecendo as normas, tradições e comportamentos de grupos musicais – organização, estrutura e repertório do grupo, distribuição ou transmissão e julgamentos culturais da música executada. O questionário fornece uma abertura para identificar as consideraçõesêmicas e as motivações por trás da atividade musical. Apresenta critérios para aplicação e análise dos questionários e modelos de fichas para as gravações.

Becker, Howard S.

1999 *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Tradução de M. Estevão e R. Aguiar. 4^a ed. São Paulo: Hucitec.

Reflexões sobre a metodologia da área, expressando reservas aos excessos de teorização. Podemos destacar dois capítulos para a pesquisa. O capítulo 2 sobre “Problemas de Prova e Inferência na Pesquisa Participante” (Pp. 47-64) e o capítulo 5, “Observação Social e Estudo de Casos Sociais”. O autor salienta as precauções e alertas no Estudo de Caso quanto às suas técnicas de observação, na coleta de dados, análise e problemas éticos do pesquisador.

Coulon, Alain

1995 *Etnometodologia e educação*. Tradução de Guilherme Teixeira. Petrópolis: Vozes.

O livro é dividido em seis capítulos. “A reviravolta Etnometodológica” aponta a necessidade de objetivação do observador para ser distinta do senso comum do observado. O segundo capítulo se refere às concepções teóricas e métodos que se inscrevem em microsociologia. Em “Perspectivas Interacionistas em Educação” temos a influência do interacionismo simbólico na escola inglesa, enfatizando a pesquisa participante nos anos 70. Na tipologia de R. Gold – ‘periférico’, ‘ativo’ e

‘imerso’ – destaca-se o de papel ‘ativo’ onde o pesquisador “participa ativamente das atividades do grupo, assume responsabilidades, comporta-se como um colega em relação aos membros do grupo” (P. 75). O quarto capítulo exemplifica alguns trabalhos de inspiração etnometodológica em educação, principalmente, nos EUA e Inglaterra – frisando a diferença entre a ‘descrição’ e a ‘espionagem’ etnográficas. Em “Reprodução e Filiação”, o autor revê a utilização dos processos de filiação, desenvolvendo o conceito no prolongamento da noção de *habitus*, de Bordieu, e da noção de ‘membro’, de H. Garfinkel. O autor finaliza conduzindo “o leitor a refletir sobre a noção de regra, um conceito primordial da pesquisa educacional, o âmago dos processos de aprendizagem”. (P. 12).

Geertz, Clifford

1989 *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.

Discussão sobre os conceitos de ‘cultura’ defendendo o enfoque semiótico, de “olhar a cultura como dimensão simbólica da ação social.” A segunda parte aprofunda o impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem, relacionando em seguida o crescimento da cultura e a evolução da mente. A terceira parte sugere procedimentos para análise antropológica da religião e a quarta parte da ideologia como sistemas culturais. A quinta parte exalta a obra de Lévi-Strauss.

Lühning, Angela

1994 “Novas pesquisas: rumo à etnomusicologia brasileira.” Trabalho fotocopiado. Salvador. 9 pp.

O texto discute sobre o campo de trabalho da etnomusicologia no Brasil, partindo das novas tendências de estudo apontadas por Nettl (1991). O núcleo do trabalho chama a atenção sobre a área da música urbana – blocos afros, afoxés, samba, minorias étnicas – ainda pouco estudada no Brasil. Como metodologia, sugere a pesquisa participante e a aplicação dos resultados na ação educativa e no incentivo à conscientização e documentação pelos próprios informantes.

Maceda, Jose

1980 *A manual of a field music research with special reference to Southeast Asia*.

Quezon: University of the Philippines.

Manual de pesquisa de campo que orienta desde a preparação de equipamentos, a coleta e gravação dos dados de campo, sobretudo os da música vocal. Sugere procedimentos para catalogação de tapes, instrumentos musicais, fotografias e dados de campo. Finaliza exemplificando uma transcrição musical com alguns sinais específicos da cultura retratada.

Merriam, Alan P.

1964 *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University.

Fornecer um quadro teórico para o estudo da ‘música como comportamento’, ou seja, música como produto do conceito e do comportamento humano.

Rice, Timothy

1987 “Toward the remodeling of ethnomusicology.” *Ethnomusicology* 31/4: 469-88.

Preocupado com o processo formativo das culturas musicais, Rice adaptou a argumentação de Geertz sobre “os sistemas simbólicos que são historicamente construídos, mantidos socialmente e aplicados individualmente” para um modelo de estudo para a etnomusicologia: construção histórica, manutenção social e criação individual na música. Nestes estão embutidos os níveis do modelo de Merriam: música, conceito e comportamento. Exemplo de aplicação do modelo em estudo sobre imigrantes húngaros em Toronto. O artigo finaliza advogando que o modelo fortalece a relação com outras disciplinas como história, antropologia e psicologia.

6. Música dos imigrantes, contato cultural

Hirshberg, Jehoash

1989 “Radical displacement, post migration conditions and traditional music.” *The world of music*. 32/3: 68-89.

Caso dos *Caraites*, uma comunidade judia, que se deslocou do Cairo para Israel, São Francisco e Chicago. Como houve uma emigração total, a responsabilidade de preservação cultural é bem maior. O artigo registra nove melodias de textos litúrgicos recolhidos em Israel e Chicago. Na conclusão, o autor confirma a assertiva de Merriam de que a música é o elemento mais estável de uma cultura, que não deseja se esvaír. Acrescenta que enquanto a comunidade perde as autoridades musicais fica vulnerável às variantes. Observou também que a preservação da organização rítmica declamatória prevalece sobre a melodia.

Nettl, Bruno

1983 *The study of ethnomusicology: twenty-nine issues and concepts*. Urbana; Chicago: University of Illinois.

No capítulo 16, “The Singing Map” (pp. 216-33), o autor considera os estudos da cultura musical imigrante como um campo fértil para discussão de estabilidade e mudança. Exemplifica uns três tipos de comportamento mantendo a tradição: para manter a população; apenas para lembrar a terra natal em ocasiões específicas; ou mudando certos aspectos quando há especialistas. Nettl questiona se mudança está relacionada com a aceitação da terra anfitriã e manutenção com o grau de coesão e isolamento da comunidade.

1992 “Recent directions in ethnomusicology.” In *Ethnomusicology: an introduction*. Edição de Helen Myers. Grove handbooks in music. New York: W. W. Norton. Pp. 375-98.

O crescente interesse da etnomusicologia pelos estudos das minorias e repertório imigrante, desde os anos 60, vem trazendo *insights* sobre: o grau de manutenção de traços arcaicos ou a incorporação de traços da cultura em contacto; a legitimação de valores e costumes tradicionais quando há assimilação; a importância da música como emblema cultural e etnicidade; conceito de revitalização fomentado pela identidade étnica e o conceito de ‘raízes’ (P. 380).

Schramm, Adelaida Reyes

1990 “Music and the refugee experience.” *The world of music*. 32/3: 3-21.

Schramm começa questionando a contribuição dos estudos sobre a música transplantada, mas conclui com aspectos positivos: melhora a compreensão da tradição e amplia o quadro de explicações. Sugere que, para abordar a atualidade, são necessários dados sobre a pré-partida, a partida e o estabelecimento como base da reflexão.

Spitalnik, Daniel

2001 “Jewish music: narrated experience in Brazil.” *Abstracts: 36th world conference*. Rio de Janeiro: comitê nacional do ICTM. P. 99.

Aspectos de continuidade e inovação nas orações cantadas nas sinagogas do Rio de Janeiro por descendentes de famílias emigradas do Oriente Médio e da Europa oriental.

Zheng, Su de San

1990 “Music and migration: Chinese American traditional music in New York City.”

The world of music. 32/3: 48-67.

Zheng testa o modelo de Schramm para abordar o estado da música tradicional chinesa em Nova York. Através de dois grupos diferenciados de música e ópera tradicionais, demonstra as diferenças comportamentais que dependem das necessidades, do contexto social histórico de suas migrações e da bagagem cultural de suas diferentes experiências de imigração.

7. Cultura japonesa

Benedict, Ruth

1997 *O crisântemo e a espada*. Tradução de Cézar Tozzi. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva.

A autora observa os hábitos e valores dos japoneses, começando por aqueles que surpreenderam o mundo ocidental durante a segunda guerra mundial destacando: a visão de ‘ocupar a devida posição’; a crença na ‘vitória do espírito sobre a matéria’ no treinamento de militares, sobretudo o dos *kamikaze*, e civis para vencer as agruras físicas; e a lealdade incondicional e irrestrita ao imperador. Benedict desenvolve a obra buscando revelar como o rígido sistema ético foi sendo sedimentado historicamente. As medidas hierárquicas e a virtude da subordinação: obrigações e recíprocas dentro da grande rede de mútuo débito na família, na comunidade, no trabalho e ao imperador, bem como a virtude de lavar a honra. Em contraste, no capítulo nove, ‘Círculo dos Sentimentos Humanos’, a autora elucida que carne e espírito não são antagônicos e sim “necessárias e boas, em ocasiões diferentes”. Após abordar as máximas da dignidade – sinceridade, respeito, vergonha – e da autodisciplina – competência e perícia com técnicas de autocontrole e de esvaziamento – o capítulo “A Criança Aprende” demonstra como todos esses valores são instaurados na família desde a mais tenra idade. A conclusão mostra a eficácia da ocupação americana, mantendo o imperador, desmilitarizando o Japão e influenciando no “caminho da contestação à virtude da vergonha e da libertação do temor à crítica ou ostracismo do resto do mundo”.

Ortiz, Renato

2000 *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Brasiliense.

Em linhas gerais, a obra discute os paradoxos do mundo contemporâneo utilizando o Japão como paradigma da globalização (E. Silva). A introdução condena o enfoque das Ciências Sociais sobre o Japão. De um lado, o gosto pelo exótico e indecifrável dos estudos brasilianistas, ou ‘japonologia’. Por outro lado, a “visão idílica” de harmonia, ordem e consciência nacional dos estudos ‘insiders’. O núcleo do trabalho aborda a mudança com suas dicotomias internacionalização x nacionalização; modernidade x tradição; cultura de massa x cultura popular; individual x coletivo. Enfoca as transformações sócio-econômicas advindas da urbanização, industrialização – onde passa a ter importância a transnacionalização das indústrias culturais, na conduta e valores de vida (trabalho, lazer, estilo de vida). A presença da tradição não detém mais o poder de organicidade e é modernizada, considerada como ‘invenção’ recente. Transformações essas advindas também da perda da organicidade Estado, família e firma. Coletivos estes refutados pelas novas gerações que tendem ao individualismo, visando o equilíbrio entre trabalho e lazer. Nas suas “Considerações Finais”, o autor recrimina a busca de universais da sociologia atribuindo à racionalização, secularização e individuação como responsáveis pela globalização e afirma que no Japão há peculiaridades no tipo de capitalismo, laços sociais e ritmo de vida. A consolidação da sociedade de consumo é que é responsável pelo declínio da identidade nacional, da ética do trabalho e da força grupal. Assim, a polêmica do dualismo oriente/ocidente, além de ser eurocêntrica, é obsoleta no processo de globalização ou da modernidade-mundo.

8. Imigrantes japoneses no Brasil

Cardoso, Ruth Corrêa Leite

1995 *Estrutura familiar em mobilidade social: estudo dos japoneses no estado de São Paulo*. São Paulo: Primus Comunicação.

Para compreender o êxito econômico da Colônia Japonesa, a autora começa descrevendo as oportunidades abertas ao pequeno proprietário pela política expansionista da agricultura paulista e a dos dois países. O capítulo II comenta como o processo de mobilidade social, ou de ascensão social coincide com o movimento de urbanização, proporcionando aumento no nível de escolarização dos jovens *nisei*. No capítulo seguinte, temos a busca dos traços culturais peculiares dos imigrantes salientando os de cooperação através do sistema filial que teve seus ajustes. A pesquisa termina com uma análise comparativa das migrações japonesas nos EUA, Havaí e Canadá, apontando as semelhanças no processo de progresso econômico e de ascensão social.

Handa, Tomoo

1987 *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: Quieiroz; CENB.

1988 *Vida e arte dos japoneses no Brasil*. São Paulo: Museu de arte de São Paulo; Banco América do Sul.

“Senso Estético na Vida dos Imigrantes Japoneses.” (Pp. 9-39) trata-se de um relato *insider* de um artista plástico sobre o senso artístico dos imigrantes japoneses. Justifica a ausência estética nos tempos de instalação nas fazendas, frisando que “a pinga e a canção seriam as únicas coisas que serviram para amenizar a vida”. Ele chega a comparar que, no período em que os imigrantes tornam-se independentes, enquanto os de *Naichi* preferiam danças individuais e poucos trouxeram o *shamisen* (mais preferido que o *shakuhachi*), os de Okinawa as danças eram coletivas e muitos trouxeram o seu *jamisen*. Os *nisei* começam a sentir-se envergonhados quando os *issei* começavam o ‘canto bravo’ ou *naniwa-bushi* preferindo as danças folclóricas, pois eram menos esquisitas aos brasileiros. As festas principais eram os *undô-kai* no *Tenchôsetsu*, aniversário do imperador, e os casamentos. Os cantos e danças eram praticados tanto na zona rural como na urbana. Ele afirma que a música tradicional se manteve fiel ao modelo japonês. Se há alguma conformação ao modo europeu se origina no próprio Japão (p. 14). O autor atribui à perda de senso artístico, o ‘lusto da vida’, a falta de motivação, de tempo e ao “impacto do novo modo de vida que se tornou **desorganizada** num grau inimaginável”. Reflete também sobre a adoção do imigrante de certos costumes do caboclo e não da sua estética, tornando-se um povo ríspido, inventando a ‘cultura da folhinha’, que exhibe relações comerciais e círculo de amigos, destituída de sensibilidade, espiritualidade e refinamento.

Hashimoto, Francisco

1995 *Sol nascente no Brasil: cultura e mentalidade*. Assis: HVF Arte & Cultura.

Tese de Psicologia com base na história de vida [natureza humana e comportamento] de dez imigrantes japoneses – do período pré-guerra radicados em Assis – detectando a elaboração da perda da terra natal e a construção do tempo e espaço psíquico no Brasil. Confronto entre o ‘ideal’ e o ‘real’ que justificam a acomodação e vínculo com a nova terra. Inicialmente, há considerações sobre a mudança e expansão do capitalismo nos dois países. Na parte central, o enfoque das mudanças comportamentais e análise do processo de separação e adaptação. Finalmente, a explicação do tempo e espaço. Como conclusão observa a preservação do sentimento de fidelidade, o *on* ao imperador; a perda e vazio com a realidade diferente da idealizada; passados os momentos de ‘luto’ e conflito de “viver entre a lembrança idealizada e o frágil compromisso com o novo espaço”, o fortalecimento se deu através do esforço em sentir-se aceito socialmente; o processo foi superado vivendo o presente com base no passado e projetando-se para o futuro.

Kikuchi, Mário Yasuo

1995 “O poeatar enquanto atividade prático-sensível de velhos imigrantes japoneses.”

Tese de mestrado em sociologia. USP.

Processo de conhecimento e apreensão da realidade brasileira desse segmento social. Grupo de *Tanka* chamado *Yashiju*. Ênfase na reflexão sociológica [nos aspectos sócio-culturais e econômicos], no significado da dedicação ao fazer poético, e não na estética, lingüística ou literatura. O autor justifica a ausência de ‘inovação’ pela falta de formação teórica dos integrantes. A I Parte explica os referenciais teóricos contextualizando o grupo social, esmiúça suas características gerais, surgimento, desenvolvimento e ressalta a importância do *tanka* na cultura japonesa. A II Parte levanta as características do grupo *Yashiju* – estrutura de funcionamento, histórico, produção, divulgação; os valores culturais, as relações internas das reuniões mensais; e o levantamento das condições sócio-culturais, econômicas, participação e sociabilidade dos membros – e descreve as motivações dos poetas – retomada da cultura após cumprir o dever familiar, estudo e revela o **sentido** na busca do auto-aperfeiçoamento. A III Parte analisa os poemas recolhidos destacando como os autores avaliam a realidade. Na conclusão, “o poeatar constitui-se na forma de práxis por excelência que tais indivíduos encontraram, para se tornarem, ao menos simbólica e intimamente, sujeitos de sua própria história”.

Morais, Fernando

2000 *Corações sujos: a história da Shindo Renmei*. São Paulo: Companhia das Letras.

Narração sobre o episódio do pós-guerra da *Shindo Renmei*, sociedade secreta japonesa, militarista e seguidora fanática do imperador. Eram os vitoristas que acreditavam que o Japão havia ganhado a II Guerra e perseguiram os derrotistas a quem denominavam de traidores da Pátria, os ‘corações sujos’. No começo o episódio dos ‘sete samurais’ em Tupã, Marília. As restrições como a discriminação, o fechamento de jornais, escolas das colônias de imigrantes, proibição de viajar, confisco de bens, rádios, evacuação do litoral dos súditos do eixo. As sementes da seita: ameaça aos plantadores de hortelã e seda e a prisão do coronel Kikkawa, popular na colônia pelas suas declamações de *nô*, que assumiu a autoria de vários panfletos. Os *tokkotai*, matadores da *Shindo Renmei*, vitimaram 23 e feriram outros 150 imigrantes, entre janeiro de 1946 e fevereiro de 1947. Mais de 30 mil suspeitos foram presos pelo DOPS e 381 *kachigumi* receberam condenações entre um e 30 anos de prisão.

Nakasumi, Tetsuo e José Yamashiro

1992 “O fim da era de imigração e a consolidação da nova colônia nikkei.” In *uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. Coordenado por Katsunori Wakisaka. São Paulo: Hucitec; SBCJ. Pp. 417-58.

O artigo inicia apontando as mudanças ocorridas no conceito de imigração – a partir de 1973 na época do ‘milagre brasileiro’ e perto do ‘boom japonês dos anos 80’ – na população *nikkei* e suas áreas de fixação. Observa que, no contato entre novos e velhos imigrantes, há um efeito multiplicador diante dos conhecimentos e técnicas trazidos pelos novos, porém há certos desentendimentos e incompreensão pela diferença de mentalidade entre ambos (p.430):

Os autores denominam de “Radical Transformações na Colônia *Nikkei*”: o afastamento da lavoura e a diversificação profissional; a construção do Museu Histórico da Imigração Japonesa nos 70º aniversário e do Hospital Nipo-brasileiro no 80º aniversário; com a quase extinção do antiniponismo, que reforça o isolamento, o conceito de ‘colônia’ passa de grupo étnico ao de ‘aproximação da cultura japonesa’ incluindo mestiços e não *nikkei*. Detectam o “Aumento do Interesse pela Cultura Japonesa” através da proliferação de escolas de idioma, onde havia “sessões de música, dança e estórias”.

A “Volta à Pátria de imigrantes e o fenômeno *Dekasegi*” aborda a repatriação dos imigrantes pós-guerra por motivos de ordem cultural e o boom do movimento *dekasegi*, a partir de 1975, quando 30% dos issei e quase 10% dos descendentes foram em busca de trabalho temporário no Japão. Como consequência além do retorno financeiro os *dekasegi* se aproximam dos aspectos culturais do japonês.

“O Papel Desempenhado pelos Jornais *Nikkei*” discorre sobre a consolidação dos três diários – São Paulo *Shinbun*, Jornal Paulista e Diário *Nippak* após as restrições do período da II Guerra – e a previsão de extinção, pois não acompanha mais as vicissitudes dos imigrantes que são em número cada vez menor.

Nogueira, Arlinda Rocha

1983 *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil*. São Paulo: CENB.

No capítulo 7, a autora se atém aos “Problemas de fixação e adaptação” dos primeiros imigrantes: fugas, problemas das famílias compostas, alimentares, mosquitos, má remuneração, dívidas com os armazéns, falta de reembolso do depósito antes de emigrar. As fases de ascensão: de assalariado nas fazendas, parceiro e empreiteiro até pequeno proprietário. Mesmo sendo proprietário, com o desgaste da terra no plantio de batata, arroz e algodão contribuíam para a extrema mobilidade do imigrante japonês que foram se expandindo ao longo das estradas de ferro. Quanto à adaptação, após a introdução sobre os processos de interação social em situações de contato, a autora encaixa o caso dos imigrantes no Brasil na ‘assimilação sociológica’, resultando em alterações de atitudes, linguagem e de costumes. Contudo, questiona a assimilação dos imigrantes que muitas vezes se completa só na terceira geração, uma espécie de ‘ajustamento progressivo’. Somam-se as dificuldades de adaptação como a língua, alimentação, vestimenta, moradia, lazer, religião e educação.

Nomura, Tania

1992 *Universo em segredo: a mulher nikkei no Brasil*. Tôkyô; São Paulo: The Fact;

Aliança Cultural Brasil-Japão.

Painel sobre as atividades e organização das mulheres da comunidade *nikkei* no Brasil. “Mito e Realidade” discute alguns rótulos como honestidade e eficiência do japonês, a identificação da suprema divindade ser a deusa Amaterasu e o sentido da palavra ‘*okusan*’, em contraste com a sua atitude submissa. “A Mulher *Nikkei* no Brasil” reporta desde o Kasato Maru, ilustrando com fotos e depoimentos, as sobreviventes e as primeiras *nissei*. Depois as pioneiras, na enfermagem e medicina o empenho em atividades voluntárias, seguido da ascensão profissional na década de 60. “A Questão da Identidade” reúne atividades exercidas pelas mulheres relacionadas à preservação de traços culturais tais como: os *fujinkai*, a educação nos moldes japoneses, a cerimônia de chá e *ikebana*, as artes marciais, o *origami*, o teatro [introdução do ‘*Onna Kengeki*’, vertente do *kabuki*, por Tange Setsuko também profa. de *taiko*] e a difusão de informações através de publicações e periódicos. “As Pioneiras” apontam algumas personalidades de destaque na política, nas artes com formação universitária: direito, Letras, Antropologia, Pedagogia. Após a abordagem sobre mães e filhas de destaque, “Cultural Mix” registra as *nikkei* que se revelaram no cenário artístico contemporâneo: artes plásticas, teatro, cinema, música e dança. “*Business World*” fornece exemplos de mulheres no mundo dos negócios e “Internacional” sobre sete mulheres reconhecidas, três das quais em música, em atuações no exterior. “Diversos Saberes” ressalta algumas atuações nas áreas: acadêmica, jornalística e do conhecimento científico. “Histórias Extraordinárias” reserva um capítulo para Margarida Watanabe que dedicou sua vida a obras de caridade e Akiko Ohara fundadora do ballet Yuba em núcleo rural.

Saito, Hiroshi

1980 “Participação, mobilidade e identidade.” In *A presença japonesa no Brasil*.

Organizado por H. Saito. Cap. 5. São Paulo: T. A. Queiroz; USP. Pp. 81-91.

Início do artigo com “dados comparativos das imigrações japonesas nos EUA, Peru e Brasil” encontrando semelhanças quanto ao “plano e formas de emigração” e diferenças nos grupos precedentes [chineses fora e europeus aqui], nos “componentes demográficos” [crescimento populacional e vida familiar mais estável no Brasil] e na “discriminação e ascensão social” [minorias étnicas e retardamento da ascensão nos EUA e Peru]. O núcleo do trabalho propõe a divisão histórica em três fases: a primeira, entre 1908 e 1941, trouxe trabalhadores agrícolas em caráter temporário; a

segunda, entre 1953 e 1962, na fase pós-guerra, trouxe trabalhadores para núcleos rurais mais espalhados com intenção definitiva; e a terceira fase, depois de 1962, trouxe empresários e técnicos qualificados [principalmente entre 1969 e 1973 na fase do ‘milagre brasileiro’]. Saito rotula de ‘convivência pacífica’ a relação entre os imigrantes das três fases, mas salienta diferenças de identidade: enquanto os pré-guerra se identificam mais com a sociedade nacional os pós se identificam com a sociedade de origem (pp. 84-5).

O padrão de mobilidade espacial coincide com a de status social: a seqüência colono, parceiro, pequeno proprietário, comércio ligado à agricultura e diversificação profissional na fase urbana. O rumo natural da ascensão sofre uma crise que começa em 1938, época do expansionismo militar japonês, quando o nacionalismo do Estado Novo impõe medidas restritivas provocando dissensão interna como os atos terroristas da *Shindo Renmei*. Passada a crise no final dos anos 40 e com o restabelecimento de jornais, a comunidade passa por uma mudança de identidade: “A lealdade anterior à pátria e ao imperador se volta mais para o país adotivo, pátria dos filhos e netos.” Antes da conclusão, destacam-se as seguintes mudanças comportamentais após a década de 50: preocupação com a educação dos filhos que buscam vagas no ensino superior; preocupação com o lar procurando igualá-lo com as famílias brasileiras de mesmo *status*; maior participação social através de clubes e associações e da aquisição da cidadania brasileira através da ‘naturalização’; e maior condescendência quanto aos casamentos interétnicos.

As notas finais traçam um perfil interno da comunidade e sua interação na sociedade. A estrutura demográfica, as atividades exercidas frisando o prestígio no comércio hortigranjeiro, e a estrutura étnico-social com sua rede de associações na I fase passam a ter finalidades específicas – federação de judô, serviços assistenciais, as associações de províncias e a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa – oferecendo pontos de apoio aos japoneses e descendentes em seu processo de adaptação e integração na sociedade adotiva, além de preservar os valores tradicionais.

9. Etnicidade, identidade cultural e nacionalismo

Anderson, Benedict

1991 *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. 2ª

edição. London; New York: Verso.

“*Official nationalism and imperialism*” (Pp. 83-112) discute o expansionismo militar japonês, da era Meiji, relacionado com a absorção do nacionalismo oficial inglês, com a chegada do Comodoro Perry, após dois séculos e meio de isolamento do regime Tokugawa.

Castells, Manuel

2000 *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Gerhardt. 2ª ed. São Paulo: Paz e terra.

“A outra face da Terra: movimentos sociais contra a nova ordem global”, cap. 2 (pp. 93-140) Comenta a análise do nacionalismo cultural, de Kosaku Yoshino (p. 48), construído “a partir de ações e reações das elites e das massas”. Como ilustração de um movimento social contra a nova ordem global, exemplifica a ideologia e metodologia dos *Aum Shinrikyo* [‘Verdade Suprema’] como sintoma da estrutura do governo, comportamento corporativo e veneração pela tecnologia avançada, mesclada ao espiritualismo tradicional. (Pp. 123-31). O Japão ainda conserva o patriarcalismo, mesmo com a participação feminina na força de trabalho, por falta de movimento feminista expressivo (p. 191, 222). A política econômica do Japão, embora esteja em função da balança comercial e da taxa de câmbio dos EUA, mantém autonomia fiscal em relação ao capital externo através de empréstimos internos de grandes empresas que explicam o boom dos 80s e a recessão dos 90s (Pp. 289-96).

Da Matta, Roberto

2000 *O que faz o brasil, Brasil?* 12ª ed. Rio de Janeiro: Rocco.

Exame de alguns aspectos da sociedade brasileira [comida, mulher, religião, leis de amizade, jogos da malandragem e do carnaval] e da construção de identidade cultural e ideológica entendendo cultura como um “estilo, um modo e um jeito de fazer as coisas” e envolvendo-a nos dois lados da moeda.

Ortiz, Renato

1990 *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense.

Ortiz discute como esses conceitos foram reinterpretados pela intelectualidade brasileira. Reflete sobre a questão racial através das teorias do séc. XIX e da visão romântica do ser nacional. Leitura dos *isebianos* sobre cultura brasileira nos anos 50 – conceito de aculturação passa a ser ‘transplantação’ ou ‘alienação’ baseado em Hegel. A temática da cultura popular encarada pelo CPC da UNE [‘alienação’ baseado em Marx e Lukács] nos anos 60; intervenção do Estado a partir de 64. O autor busca entender o significado da noção da cultura brasileira e o sentido de uma identidade ou de uma memória pretensamente nacionais. E conclui que “a identidade nacional está ligada a uma reinterpretação do popular pelos grupos sociais e à própria construção do Estado brasileiro” (p. 8).

Poutignat, Phillipe e J. Streiff-Fenart

1997 *Teorias da etnicidade*. Traduzido por Élcio Fernandes. São Paulo: Unesp.

Análise crítica de diversos autores, especialmente de língua inglesa, mostrando como a problemática sociológica da ‘eticidade’ se constituiu historicamente. Desde os debates do séc. XIX, passando pelas confusões entre ‘raça’ e ‘etnia’ até as novas questões de ‘nação’ e ‘eticidade’. O texto se preocupa com a definição de ‘grupo étnico’, exemplificando os imigrantes em Yankee City (pp. 55-79) revendo a crise das teorias da modernização. Em conceitos de etnicidade abordam: o paradigma sociobiológica, as teorias instrumentalistas e mobilizacionistas, neomarxistas, neoculturalistas e interacionista. Após detectar os pontos do debate – fenômeno político x simbólico, substância x situação, coação x opção e perenidade x contingência – enunciam as quatro questões-chave: atribuição categorial, as fronteiras, a origem comum e o realce.

Stokes, Martin

1994 “Introduction: ethnicity, identity and music.” In *Ethnicity, identity and music: the musical construction of place*. Cap. 1. Edição de M. Stokes. Oxford; Providence: Berg. Pp. 1-27.

Stokes defende que a música pode explicar a construção, exploração social e controle das categorias das identidades. O conceito de etnicidade é visto como a construção, manutenção e negociação de limites, bem como [...] definição e manutenção de identidades sociais em um contexto de oposição e relatividades. Isto suscita questões de ‘essência’ e ‘autenticidade’, termo com poder persuasivo e legitima apenas a perspectiva êmica aguçando também as relações de ‘dominação’ e ‘subordinação’. Tanto nas questões de limites geográficos, quanto nas de classe e gênero. O texto esclarece os rótulos ‘nacional’, ‘tradição reinventada’, ‘contato cultural’, ‘mudança’, ‘reintegração’ ou ‘incorporação’, ‘domesticação’, ‘pureza’, ‘hibridismo’.